



MULHER, DISCURSO E ARTE EM “MOÇA TECELÃ” E “PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE” DE MARINA COLASANTI

Denise Queiroz dos Santos¹ (IC)*; Fernanda Surubi Fernandes² (PQ)

denise2014qsantos29@gmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Miguel do Araguaia. Avenida José Pereira do Nascimento Nº 320 Centro, São Miguel do Araguaia-GO.

²Universidade Estadual de Goiás – UEG/ICâmpus Iporá. Av. R2. Jardim Novo Horizonte. Iporá-GO.

Resumo: O presente trabalho possui como objetivo analisar os contos: “Moça Tecelã” e “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti (2012), numa perspectiva discursiva. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e depois análise dos contos a partir dos conceitos da Análise de Discurso. No conto “Moça tecelã”, observa-se o quanto é importante a mulher valorizar sua liberdade, seu poder de decisão em relação aos seus objetivos e sonhos. Compreende-se que, em busca de realizar seus objetivos e sonhos, ela pode se perder, como a tecelã, que vivia feliz ao tecer lindos dias, mas a realização do sonho de se casar, a fez, prisioneira e solitária, não porque o casamento a aprisionou, mas a relação com o marido projetou isso. Mas nesse caso, ela pode desfazer tudo que a afligia. Em “Para que ninguém a quisesse” a mulher é apagada totalmente pelas ações e interdições do companheiro. Assim, enquanto uma consegue desfazer, mostrando que está em suas mãos as escolhas de sua vida, a outra, não consegue simplesmente voltar ao que era, pois foi silenciada em seu interior. Dessa forma, as obras expõem como o papel feminino se constitui numa relação com o outro, sendo apagada a partir das interdições e cobranças realizadas. Mas “Moça tecelã” apresenta um meio de resistência a partir de compreender que a sua vida está em suas mãos, por isso pode-se resistir, a partir dessa compreensão.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Literatura. Interdição. Sujeito.

Introdução

Este estudo visa a compreender como a mulher é significada pela/na literatura através dos contos de autoria feminina. Por isso, analisa os contos: “Moça Tecelã” e “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti (2012), numa perspectiva discursiva.



No conto “Moça tecelã”, observa-se que a fantasia está relacionada com a realidade, com o processo histórico e social que marcam a relação homem e mulher. Nessa relação, mostra o quanto é importante a mulher valorizar sua liberdade, seu poder de decisão em relação aos seus objetivos e sonhos.

Em “Para que ninguém a quisesse” a mulher é apagada totalmente pelas ações e interdições do companheiro. Devido a isso, não consegue simplesmente voltar ao que era, pois foi silenciada em seu interior. Dessa forma, as obras expõem como o papel feminino se constitui numa relação com o outro, sendo apagada a partir das interdições e cobranças realizadas.

Material e Métodos

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e depois análise dos contos a partir dos conceitos da Análise de Discurso.

No livro *Minha história das mulheres*, a historiadora Michele Perrot (2007), aborda a história das mulheres e das suas relações entre os homens, onde há relatos sobre a sexualidade, prostituição, maternidade, as religiões, dentre outros assuntos. O mais importante nessa história, é o processo da crescente visibilidade das mulheres em seus combates e suas conquistas no espaço público e privado, é mostrar também a importância da sua história, e “a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente” (PERROT, 2007, p.13).

Depois realizamos a análise dos contos “Moça Tecelã” e “Para que ninguém a quisesse” de Colasanti (2012), compreendendo-os como objetos simbólicos que produz efeitos sobre a imagem feminina. Para isso, trabalhamos os conceitos de discurso, sujeito e formação discursiva, baseada em Orlandi (2007), Pêcheux (2009). Para a Análise de Discurso, “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17).

Resultados e Discussão



Em “Moça Tecelã”, observamos uma mulher que está a tecer, e se algo não estava como gostava, ela tecia, como um lindo dia ensolarado. Podemos relacionar essa imagem da tecelã com a imagem de Penélope, esposa de Ulisses, que o usa como recurso para escapar dos pretendentes que querem a obrigar a escolher um marido. O ato de tecer e desfazer ocorre para que isso não ocorra e que dê tempo para que Ulisses retorne. Nessa relação, o conto inicia mostrando que a moça tecelã tinha tudo, nada lhe faltava, vivia uma vida tranquila, porém, a solidão fez com que desejasse um marido. Ao contrário de Penélope, a moça tecelã não tem já um marido e nem pretendentes, seu ato de tecer um marido vem do desejo de não se sentir só. Assim,

[...] começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida. (COLASANTI, 2012, p. 7).

Desse modo, no recorte compreendemos que seu marido é constituído a partir de um anseio, desejo de algo que não conhecia, mesmo assim desejava: “Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida [...]” (*Idem*, p. 7). A construção/tecelagem desse ser mostra seu desejo, uma imagem já estabelecida que descreve mais a aparência física, mas não é possível descrever a personalidade.

E assim, esse desconhecido se apresenta exigente por mais coisas, as quais ela vai atendendo, até ao final se desfazer dele: “Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu”. (*Ibidem*, p.8). Compreendemos que a moça pode se desfazer daquilo que no início era um sonho e virou um pesadelo. Esse desfazer daquilo que desejava, pode ser compreendido como um processo de resistência da figura feminina, que tem autonomia para que isso ocorra, pois tudo que tem depende somente dela.

Em “Para que ninguém a quisesse”, ao contrário de “Moça tecelã”, a mulher é apagada aos poucos, ficando sem vida, tornando um objeto, uma rosa desbotada.



Isso ocorre devido aos ciúmes do marido: “Porque os homens olhavam demais para sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar” (COLASANTI, 2012, p. 80). E assim, aos poucos o marido vai a silenciando, para que ninguém a queira, só que isso o inclui também.

Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. (COLASANTI, 2012, p.80-81)

Ao final, o que sobra é apenas um vulto, que andava pela casa, totalmente apagado tal como uma rosa desbotada.

Considerações Finais

Em “Para que ninguém a quisesse” a mulher é apagada totalmente pelas ações e interdições do companheiro. Já em “Moça tecelã”, a personagem consegue desfazer o marido, mostrando que está em suas mãos as escolhas de sua vida. Dessa forma, as obras expõem a mulher na relação com o homem, mostrando um efeito de dominação masculina, que a apaga/silencia a partir das interdições e cobranças realizadas. Mas “Moça tecelã” apresenta um meio de resistência a partir de compreender que a sua vida está em suas mãos, por isso pode-se resistir, a partir dessa compreensão. Nessa perspectiva, a literatura se torna um lugar de produzir reflexões e assim efeitos sobre como a mulher é significada e de que modo a resistência pode ocorrer.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio da central de bolsas com a bolsa de Iniciação Científica da UEG.

Referências



COLASANTI, Marina. Moça Tecelã. In: _____. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2012. P. 11-14

COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In: _____. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2012. P. 80-81.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi (et al.). 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. **MÉTIS: história & cultura**. V. 5. N. 9. Jan./jun. 2006. P. 253-270. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/792>. Acesso em 29 jan. 2018.